

Escrevendo vozes dantes¹

Breve ensaio sobre tradução e metáfora

O homem é uma corda atada entre o animal e o além-do-homem.

NIETZSCHE: Assim falou Zaratustra, 1978, p. 227.

Das coordenadas do problemático:

Procuo delimitar ou focar questões que dizem a respeito da metáfora e da traduzibilidade; que vêm ganhando ressonâncias no meu trabalho cotidiano de tradução e de pesquisa acadêmica. Esclareço, nesse sentido, que essas questões não são novas como motivo de inquietação de quem subscreve. Tais inquietações e rumações me

¹ Quer dizer: noutra(s) tempo(s). Com algumas variações, este texto foi publicado no número I da revista eletrônica **ALEGRAR** (www.alegrar.com.br), em agosto de 2004, em edição bilíngüe: português/espanhol. Também foi editado em espanhol pelo coletivo **DIALOGICA**: Blogs de Educação, Cultura, Política e Jornalismo da Pós-Graduação em Comunicação Audiovisual da Faculdade de Comunicação Social, Ciência Política e Rel. Int. da Universidade Nacional de Rosario (UNR) – Argentina (www.dialogica.com.ar), em setembro de 2004, sob o mote: “Deus é uma Lagosta o uma dupla-pinça, um *double bind*” (Deleuze&Guattari, *Mil Platôs*, 1996 [1980], V. 1, p. 54) . Sobre essa peculiar modulação de edição coletiva na web (blogs), estou atento à asseveração de Derrick de Kerckhove, diretor do Programa Mc Luhan de Cultura e Tecnologia da Universidade de Toronto, Canadá (*entrevista*): “– Pode a web desenvolver um humanismo do estilo daquele século XVI? – Eu não creio que isso seja possível. O humanismo do século XXI é mais voltado para o universo da conectividade: é um humanismo de associação; ao passo que o humanismo típico do Renascimento era o do individualismo. Hoje se fala de um período de pós-humanismo; eu diria um neo-romantismo. O cyborg é a figura trágica do acordo tecnológico-biológico-orgânico. Mais do que uma orientação futura, ele se assemelha a um espetáculo divertido, uma fantasia moderna da globalização. O cyborg é uma figura individualista heróica, porém não representativa do ser atual. A figura representativa do ser atual é o blog: este sim, realmente, um novo modo de ser. O cyborg vem da velha concepção do Golem, do robô adaptado ao corpo humano” (*tradução minha*). Além disso, este artigo foi apresentado no evento “La Universidad y sus pantallas” organizado pela vice-reitoria da Universidade Nacional de Rosario (UNR-Argentina) e a Associação Argentina de Estudos Canadenses (ASAEC), no 30 de setembro de 2004, na mesa intitulada “Tradução e interdisciplinaridade” (*com leitura do Prof. Marcelo de la Torre, da Faculdade de Comunicação Social/ UNR*). Esse evento foi paralelo ao Congresso Internacional da Língua Espanhola realizado na cidade de Rosário/Argentina.

acompanham desde que cunhei a noção de *estado de tradução*² como ferramenta para pensar e operar regionalidades no contemporâneo; e nelas, a possível emergência de singulares (domiciliares) manifestações de vibração subjetiva.

De antemão, acredito ter a clareza de que, o que irei dizer-esrever, provavelmente ultrapasse em muito pouco (se ultrapassar), o limiar da imensidão de textos que circulam na web; mesmo assim, faço questão de enfatizar o caráter de recomeço (enquanto movimento mínimo) de uma abordagem temática, com a precariedade própria e a exaltação *tosca* que pode surgir de qualquer recomeço.

Retomando pois, na tentativa de imanentizar, isto é, de situar em coordenadas tangíveis meu problema ou minhas questões:

² KRAUS, 2002 *Dissertação de mestrado*, Psicologia Clínica, PUC-SP, 2002. Esse trabalho visou conceitualizar um *estado de tradução*, como modalidade de produção da subjetividade no contemporâneo. Na Parte I, tratou-se do território no qual se configura essa manifestação subjetiva, e de uma função clínica saneadora da escrita, num cenário marcado pela atividade hipertextual. Na Parte II, se abordou o *estado de tradução* como um *domicílio vibrátil*, isto é, um domicílio que pode vibrar *entre* duas línguas, mas também, num *entre-lugar* mais amplo, incluindo outras formas de produção de signos. Já em Apêndice, procurou-se reunir elementos conjecturais para uma teoria da traduzibilidade múltipla.

a) *No texto nietzscheano e suas reverberações atuais.*

Tenho me detido nalguns momentos do meu percurso de pesquisa em excertos de *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*³. Nesse texto, Nietzsche questiona a gênese do conhecimento humano, conhecimento que *se traduz* in-variavelmente em linguagem. Isto significa, entre outras coisas, que não haveria forma de conhecimento direto e puro da natureza como tal, mas um impulso persistente e permanente à formação de metáforas, transposições que mais e mais se distanciam do mundo como tal, por sua própria composição feita de contorções de linguagem. Assim, quando o humano fala/escreve, encontra-se já *embarcando*, para ser transportado numa deriva, num desvio que o afasta das coisas e do mundo como essência. Quanto mais esse humano acredita atingir a apropriação das coisas pelo conhecimento, mas pareceria estar se afastando delas, ecoando os ecos de vozes que constituem as metáforas.

Por isso o conhecimento, sempre metafórico, quando alcança o plano conceptual – ou da definição – encarna o paroxismo da redução a essa forma própria ou de apropriação do humano, que é concebida nesse campo de relação com a natureza que funda a linguagem, e que se fixa assim assentando-se na rigidez ou cristalização do conceito. Nesse sentido, o conceito seria a igualação do diferente, do inassimilável: a palavra, quando tomada como conceito, fixa, suprime em nome do rigor de uma forma conceptual o exercício das tentativas de aproximação ou de encontros com mundos singulares: reducionismo antropomórfico que suprime a emergência de singularidades.

A verdade, para Nietzsche, seria talvez (?) essa variabilidade metafórica – porque humana e lingüística – do conhecimento, sempre submetido a um exercício de relação, de transposição, de recorte, de interpretação, de formatação, de tradução, de traição à natureza:

(...) As diferentes línguas, colocadas lado a lado, mostram que nas palavras nunca importa a verdade, nunca uma expressão adequada: pois senão não haveria tantas línguas. A “coisa em si” (tal seria justamente a verdade pura sem conseqüências) é também para o formador de linguagem, inteiramente incaptável e nem sequer algo que vale a pena. Ele designa apenas as relações das coisas aos homens e toma em auxílio para exprimi-las as mais audaciosas

³ NIETZSCHE, 1978, pp. 46-52.

metáforas. Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora. E a cada vez completa uma mudança de esfera, passagem para uma esfera inteiramente outra e nova. (...)⁴

Mas então: como relacionar-se com o mundo – através desse intrincado jogo de relações que propõe Nietzsche – seguindo o movimento duplo da traição tradutória (pois a forma singular nunca será a forma verdadeira), mas visando também um campo de possibilidades para perfurar ou acabar com a metáfora do conceito como metáfora verdadeira?

Em outras palavras, esta pergunta remete a uma tentativa de fazer no exercício cotidiano do viver uma rara espécie de atletismo, de performance viva consistente em tentar “agarrar o mundo, em vez de dele extrair impressões, trabalhar nos objetos, nas pessoas e nos acontecimentos, no real, e não nas impressões. Matar a metáfora”⁵.

b) *Da problemática nietzscheana da metáfora como aporte a uma noção de traduzibilidade múltipla.*

Nietzsche parece travar uma curiosa guerra de guerrilhas com esse homem – *demasiado humano* –, apegado à abjeta e mecânica transposição do que se passa, se desloca – embora derrape contra os planos do mundo – em texto fácil, acessível a todos,

⁴ NIETZSCHE, 1978, p. 47.

⁵ DELEUZE & GUATTARI, 2001, p. 102. V. Tb. BHABHA, 2001, p. 299: “Nesse encontro com a dialética global do irrepresentável, há uma injunção subjacente, protética, ‘algo como uma necessidade imperiosa de desenvolver novos órgãos, de expandir nosso sistema sensorio e nosso corpo em direção a dimensões novas, ainda inimagináveis, talvez até impossíveis’”. Ecoando a fala de JAMESON, In: *Postmodernism Or, The Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke University Press, 1991. Cf. Tb: “Duns Escoto, retendo embora a composição hilemórfica (i. é, de matéria e forma) dos seres físicos, já não vê a matéria como algo de puramente indeterminado ou como ‘potência pura’ e, como tal, impérvia e refratária a todo esforço de penetração intelectual. Muito ao contrário, concebe-a em termos de uma atualidade ou realidade própria e anterior, por natureza, às diversas formas que vai assumindo, sucessivamente, no imenso processo do devir cósmico. Como assinala Gilson, ‘duas conseqüências dignas de nota se depreendem dessa conclusão: na doutrina de Duns Escoto, a matéria é cognoscível à parte e capaz de existir à parte’. É cognoscível à parte, precisamente por revestir uma realidade, um ser próprio e irreduzível à forma, para Escoto, todo ser é, em princípio, inteligível”. In: GARCIA (Org.), p. 224 .

universal e de todos, porque é de ninguém, de nenhuma singularidade encarnada em indivíduos, objetos ou vida em quaisquer das suas manifestações.

Assim, parece optar por uma alternativa também curiosa, porém de uma espantosa efetividade: relança o campo inteiro do metafórico, repondo-o na multiplicidade de planos e conexões, as mais variadas no mundo (p. 49). Essa operação parece ganhar consistência ao lançar mão de uma quantidade imensurável de figuras de linguagem⁶, que ocupam por força, quer dizer, com a especificidade da força de expressão, o espaço ou campo do mundo.

c) Da ocupação do campo problemático da traduzibilidade hoje.

Reaparece neste ponto, uma das inquietações iniciais: o engate da questão metafórica nietzscheana na atualização do cotidiano campo da traduzibilidade, campo que me afeta como pesquisador e como tradutor “propriamente” dito. O que eu posso dizer ou conjecturar, como hipótese, que se passa nesse campo da tradução, pensando-o também como uma forma explosiva do contemporâneo?

Já no século XX, Derrida afirma que a metáfora, ou que se passa nela, é a palavra tomada num outro sentido que o próprio; quiçá como consequência de uma transação ou atrito, troca ou violência que deve travar com o mundo para exercer sua própria existência ou eficácia, a palavra está numa *morada emprestada*. E a metáfora, ou o seu veículo, que abarca ao sujeito das metáforas: leva-o, transfere-o no mesmo momento em que o sujeito crê que o designa, o expressa, o guia, o governa "como um piloto em seu navio(...)”.⁷

⁶ Procedimento que poder-se-ia aproximar à operação literária borgesiana de esquadramento do mundo, mediante a criação de: “Ontologias fantásticas, etimologias transversais, genealogias sincrônicas, gramáticas utópicas, geografias romanescas, histórias universais múltiplas, bestiários lógicos, silogismos ornitológicos, éticas narrativas, matemáticas imaginárias, *thrillers* teológicos, geometrias nostálgicas e recordações inventadas...” Tradução minha a partir do texto de apresentação de *Jorge Luis Borges – Center for Studies & Documentation – University of Aarhus – Dinamarca*. Intitulado *¿Por qué Borges?*, o texto utiliza a noção de *transversalidade* para explicar um “deslocamento epistemológico de um campo de pertinência a outro, uma espécie de hipálage científica”. Disponível On Line. In: www.hum.au.dk/romansl/borges/spanish.htm

⁷ Derrida, 1978.

Imbuída também de uma tônica veicular, Susan Sontag, uma outra voz contemporânea falando da tradução, situa momentos ou fatos chaves na adoção ‘universal’ ou necessária do inglês: a aviação e a informática, numa interseção de transportes, um próprio do começo do século XX, e o outro, quase do final deste.

Da minha parte, e para atingir o ponto-de-chegada provisório deste ensaio, arriscarei o seguinte: há virtualidades de uma traduzibilidade múltipla que se movimentam intensamente, nas mais desvairadas temporalidades, usurpando micro-lugares, visando sua atualização e seu retorno a novas regiões magmáticas de virtualidades; mas eis uma ocupação de territorialidades extra-subjetiva: usurpação do vivo, que ‘não sabe’ que usurpa ou ocupa esses lugares, territórios que ‘não lhe pertencem’. Assim, o vivo se faz presente no imponderável, ao abrir-se caminho na viagem transpolar de um crustáceo, em meio à água de lastro de um navio global sulcando os oceanos.

Não é senão desse modo que eu consigo, transitoriamente, pensar a passagem de virtualidades entre-línguas, nesse ‘lado a lado’ que antes evoquei em Nietzsche, e suas respectivas atualizações, e as consequentes eclosões que, nesse ‘entre-lugar’, podem acontecer.

Num tal movimento incessante de passagens múltiplas, e assim como a traduzibilidade – isto é, aquilo que se movimenta nela – tem o caráter ou a a-legalidade da usurpação, àqueles que nos atrevemos a conjecturar sobre esse problemático campo, não nos cabe senão operar desprovidos de quaisquer dignidade superior ou cidadania da humana e verdadeira palavra, mas com a precisão própria de quem opera procurando preciosidades no terreno-garimpo de um catador de lixo.

Damian Kraus, São Paulo, primavera de 2004.

Bibliografia

De Nietzsche

NIETZSCHE, F. *Nietzsche - Obras Incompletas*. Col. "Os Pensadores". Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BHABHA, H. K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de L. Reis & Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BLANCHOT, M. *Traduzir*. Trad. Ângela Leite Lopes & Fátima Saadi. Rio de Janeiro: Folhetim – teatro do pequeno gesto 17, maio/ago., 2003.

DELEUZE G. & GUATTARI, F. *Kafka – Por Uma Literatura Menor*. Trad. Br. de Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. *Kafka – Por una literatura menor*. México DF: Era, 2001.

DE KERCKHOVE, D. *La red no debe ser controlada*. Buenos Aires, Página/12. Entrevista. Disponível on-line. In: <http://www.pagina12web.com.ar/diario/cultura/7-40665.html>

DERRIDA, J. *Le retrait de la méthapore*. In: *Po & sie*, nº 7, 1978, pp. 103-126.

FEINMANN, J. P. *Superman y Übermensch*. Buenos Aires: *Página/12*, 7 fev. 2004. Disponível on line. In: www.pagina12.com.ar

GARCIA, A. (Org.) *Estudos de Filosofia Medieval*. Petrópolis: Ed. Vozes; Univ. São Francisco: Ed. UFPR, 1997.

ORLANDI, L. B. *Desejo e problema: articulação por reciprocidade de aberturas*. In: *Rev. História e perspectivas*. Uberlândia 3: jul./dez. 1990, pp. 159-186.

_____. *Marginando a leitura deleuzeana do trágico em Nietzsche*. In: Volnei Edson dos Santos (Org.). *O trágico e seus rastros*. Londrina: Eduel, 2002, pp. 15-53.

_____. *Nietzsche na univocidade deleuzeana*. In: Lins, D. ; Gadelha Costa, S.; Veras A. *Deleuze e Nietzsche – intensidade e paixão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, pp. 75-90.

SONTAG, S. *O evangelho hegemônico da tradução*. São Paulo, *Folha de S. Paulo*, 17/08/2003, pp. 12-13. *Cad. Mais!*